

DA INSEGURANÇA LINGUÍSTICA À INSEGURANÇA BIOGRÁFICA¹

■ FRÉDÉRIC MOUSSION

 <https://orcid.org/0009-0009-6302-7589>

Universidade Sorbonne Paris Nord

RESUMO

Se é verdade que os indivíduos podem exercer um poder de ação sobre sua própria insegurança linguística, por meio de atitudes de assumir riscos que são indicativas e características dos fenômenos de hipocorreção, o que ocorre no caso da insegurança biográfica? O objetivo deste artigo é apresentar um panorama de nossas pesquisas sobre a insegurança linguística e examinar algumas noções, em especial os fenômenos de hipocorreção. Depois de propor uma definição de insegurança biográfica, ilustraremos esse conceito demonstrando o poder de ação que Yaël conseguiu exercer sobre sua insegurança biográfica, por meio do surgimento de fenômenos de *hipobiografização*.

Palavras-chave: Insegurança biográfica. Hiperbiografização. Hipobiografização.

RÉSUMÉ

DE L'INSÉCURITÉ LINGUISTIQUE À L'INSÉCURITÉ BIOGRAPHIQUE

S'il est vrai que les individus peuvent exercer un pouvoir d'action sur leur propre insécurité linguistique, à travers des attitudes de prise de risque révélatrices et caractéristiques des phénomènes d'hypocorrection, qu'en est-il dans le cas de l'insécurité biographique ? L'objectif de cet article est de présenter un aperçu de nos recherches sur l'insécurité linguistique et d'en examiner quelques notions, en particulier les phénomènes d'hypocorrection. Après avoir proposé une définition de l'insécurité biographique, nous illustrerons ce concept en montrant le pouvoir d'action que Yaël a pu exercer sur son insécurité biographique à travers l'émergence de phénomènes hypobiographiques.

Mots-clés : Insécurité biographique. Hyperbiographisation. Hypobiographisation.

¹ Tradução: Carolina Kondratiuk, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Universidade Paris 8; pesquisadora do GIS Le Sujet dans la Cité - Universidade Sorbonne Paris Nord e do Centro interdisciplinar de pesquisa "Cultura, educação, formação, trabalho" (CIRCEFT) - Universidade Paris 8.

ABSTRACT FROM LINGUISTIC INSECURITY TO BIOGRAPHICAL INSECURITY

If it is true that individuals can exercise a power of action over their own linguistic insecurity, through risk-taking attitudes that are indicative and characteristic of the phenomena of hypocorrection, what happens in the case of biographical insecurity? The aim of this article is to present an overview of our research into linguistic insecurity and to examine some notions, in particular the phenomena of hypocorrection. After proposing a definition of biographical insecurity, we will illustrate this concept by demonstrating the power of action that Yaël was able to exercise over his biographical insecurity, through the emergence of hypobiographical phenomena.

Keywords: Biographical insecurity. Hyperbiographicalization. ypobiographicalization.

RESUMEN DE LA INSEGURIDAD LINGÜÍSTICA A LA INSEGURIDAD BIOGRÁFICA

Si es cierto que los individuos pueden ejercer un poder de acción sobre su propia inseguridad lingüística, mediante actitudes de riesgo indicativas y características de los fenómenos de hipocorrección, ¿qué ocurre en el caso de la inseguridad biográfica? El objetivo de este artículo es presentar un panorama de nuestras investigaciones sobre la inseguridad lingüística y examinar algunas nociones, en particular los fenómenos de hipocorrección. Tras proponer una definición de la inseguridad biográfica, ilustraremos este concepto demostrando el poder de acción que Yaël pudo ejercer sobre su inseguridad biográfica mediante la aparición de fenómenos hipobiográficos.

Palabras clave: Inseguridad biográfica. Hiperbiografización. Hipobiografización.

Insegurança linguística: síntese de nossas pesquisas

A insegurança linguística (doravante IL) consiste na percepção de uma distância, ou mesmo uma lacuna, entre o que os indivíduos falam, ou pensam que falam, e uma língua (ou variedade linguística) legitimada socialmente, na medida em que corresponde às classes sociais dominantes. De acordo com Calvet, a IL resul-

ta tanto “da comparação da própria fala com a fala legítima” quanto “do status atribuído a essa fala e interiorizado pelo locutor” (1999, p. 160). Ela seria, então, o produto de uma norma, ao mesmo tempo mantida por um conjunto de locutores fictícios e transmitida pela instituição de ensino e, portanto, ao mesmo tempo

característica e sintomática de “uma busca malsucedida de legitimidade” (Francard, 1993, p.13), da qual advém a atribuição, ou não, do direito à palavra em determinada situação ou em determinada língua. Em suma, a IL corresponde à lacuna entre as representações dominantes em dado meio (por exemplo, a escola) e os usos linguísticos das pessoas envolvidas nesse meio (nesse caso, os alunos). Dela resulta o surgimento de um sentimento criado por tal lacuna, que pode ser definida, de acordo com Bretegnier (2002), “como [estando] ligada à percepção, por um (grupo de) locutor(es), da ilegitimidade de seu discurso em relação aos modelos normativos com base nos quais, nessa situação, os usos são avaliados” (p. 9).

Dessa forma, a IL está fundamentalmente ligada às noções sociolinguísticas de norma e de comunidade linguística. Ela mantém uma relação ambivalente e conflituosa com a língua, na medida em que revela a lacuna entre o que é e o que deveria ser, particularmente na troca verbal. A partir daí, o indivíduo estaria de certa forma condenado a agir em um espaço intermediário, tanto linguístico quanto identitário. Uma das manifestações mais amplamente estudadas da IL corresponde aos fenômenos de hipocorreção, que se caracterizam pelo fato de cometer erros devido à busca de formas linguísticas prestigiosas não dominadas. Esses fenômenos, de acordo com Francard (1997), estariam “ligado[s] ao desejo dos locutores, especialmente daqueles oriundos da pequena burguesia, [e isso, de acordo com os trabalhos de Labov (1976, 1977) e Bourdieu (1982, 1983, 1986)], de produzir formas que eles consideram prestigiosas, um desejo frustrado por seu domínio insuficiente da variedade legítima” (p. 159).

Em nossa tese², analisamos os fenômenos

2 Cf. Moussion, F. (2022). *L'insécurité linguistique : du processus de biographisation à l'émergence du transclasse*. [Tese de doutorado em Ciências da Educação e da Formação, Université Sorbonne Paris Nord - Paris 13].

de hipocorreção, o ponto cego da insegurança linguística. Até o momento, esses fenômenos foram definidos unicamente por Bourdieu (1982) como uma estratégia de diferenciação das classes sociais superiores, que se permitem “fazer menos” linguisticamente. Isso se manifesta especialmente por meio do “relaxamento autoconfiante e do não respeito a regras minuciosas”, que são considerados novos “marcadores de distinção social reconhecidos como exclusivos” (p. 54-55). Embora nem todo silêncio seja sistematicamente sintomático de uma IL, o silêncio, assim como a culpa, a desvalorização da maneira de falar em relação a uma norma de referência, a vergonha ou o medo de se expressar, continuam sendo característicos de formas mais ou menos extremas de IL. Em nossa pesquisa, portanto, nos perguntamos: de que maneira(s) poderíamos ouvir o indivíduo silencioso e, da mesma forma, compreender essa insegurança linguística, por meio das narrativas ignoradas que constituem um acontecimento para o sujeito? Não seria concebível que o indivíduo pudesse exercer um poder de ação sobre sua IL, não tendendo sistematicamente para uma ou outra norma? Esse poder de agir não seria, entre outras coisas, bastante representativo dos fenômenos de hipocorreção, mas também característico dos cursos de vida das pessoas *transclasses* (Jaquet, 2014, 2018, 2021)?

Afastando-nos, portanto, da definição original de Bourdieu, redefinimos os fenômenos de hipocorreção como característicos de um poder de ação e representativos das formas de resistência que um indivíduo, que também é *transclasse*, pode ou potencialmente poderia exercer sobre sua própria IL. Esses fenômenos se manifestariam por meio de um processo de *conscientização*, corolário da atitude de assumir riscos, revelando um sujeito *parresiasta*, e representativo da passagem de uma IL dita para uma IL colocada em ação, ou seja, de

acordo com Moreau (1997), “necessariamente ancorada em uma experiência afetiva individual”:

De acordo com Paulo Freire (1974), o processo de *conscientização* designa a passagem de uma consciência ingênua, correspondente à experiência vivida pelo sujeito, para uma consciência crítica, que prevê a percepção do indivíduo de que as situações vividas se referem a realidades sociais sistêmicas.

o sujeito *parresiasta* é aquele que é capaz de exercer um poder de ação sobre sua própria IL, por meio do enunciado parresiástico, ou seja, aquele que leva à produção de um enunciado verdadeiro comprometendo o sujeito falante (locutor), qualquer que seja seu status, engendrando um efeito retroativo sobre este último, por meio da aceitação da abertura de um espaço de risco indeterminado. A parresia, que foi estudada e analisada em particular por Foucault (2001a, 2001b, 2008, 2009, 2016), em seus últimos trabalhos sobre “a busca da verdade”, pode ser definida como:

franqueza, abertura de coração, abertura da fala, abertura de linguagem, liberdade de fala [...] que faz com que digamos o que temos a dizer, que digamos o que queremos dizer, que digamos o que pensamos que devemos dizer por que é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro. Na aparência, a *libertas* ou *parrhêsia* é essencialmente uma qualidade moral exigida de todo sujeito que fala. Já que falar implica dizer a verdade, como podemos deixar de impor como uma espécie de pacto fundamental a todo sujeito que fala que ele deve dizer a verdade porque acredita que aquilo é verdade? (Foucault, 2001b, pp. 348-349). Em última análise, “na parresia, o orador faz uso de sua liberdade e escolhe a verdade em vez da mentira, a morte em vez da vida e da segurança, a crítica em vez da lisonja, o dever em vez do interesse e do egoísmo” (Foucault, 2016, p.86).

Para uma definição de insegurança biográfica

Levando em conta o conjunto dos parâmetros acima e partindo da redefinição dos fenôme-

nos de hipocorreção, podemos elaborar uma definição de insegurança biográfica (doravante IB). Assim como a IL, a IB poderia ser subsumida como uma busca por legitimidade, que se materializa por uma lacuna entre a forma como os indivíduos se biografam³ e uma biografização socialmente legitimada por, entre outras coisas, corresponder às classes sociais dominantes. O resultado seria uma lacuna entre as representações dominantes em um determinado meio (por exemplo, a escola) e a biografização das pessoas envolvidas nesse ambiente (nesse caso, os alunos).

Assim como ocorre com a IL, essa discrepância pode gerar um sentimento de mal estar, rejeição, medo, exclusão etc. Como consequência, essa IB poderia levar ao surgimento de formas de hiperbiografização, caracterizadas por uma tendência a um ou mais modelos normativos de biografização, que seriam prerrogativas das classes sociais e/ou dos chamados modelos (padrões) dominantes. O resultado, assim como na hipocorreção, é uma tendência a cometer erros em decorrência da busca por formas de biografização não dominadas. A biografização de acordo com Christine Delory-Momberger (2004), designa um

conjunto de operações mentais, verbais e comportamentais por meio das quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais preexistentes que os cercam, apropriando-se das sequências, programas e padrões biográficos formalizados [...] dos mundos sociais dos quais eles participam (p. 6).

Esses fenômenos de *hiperbiografização* podem ser ilustrados por uma cena descrita por Eribon em *Retour à Reims* (2009), na qual o autor, que morava em Paris e frequentava o

3 "Nunca deixamos de nos biografar, ou seja, de inscrever nossa experiência em esquemas temporais orientados que organizam mentalmente nossos gestos, comportamentos e ações de acordo com uma lógica de configuração narrativa" (Delory-Momberger, 2019, p. 49).

mundo burguês parisiense, um dia encontra seu avô na rua. Sua primeira reação é indagar se foi visto por alguém e, em caso afirmativo, o que responderia se eventualmente lhe perguntassem quem era esse homem:

[Meu avô] costumava andar de mobilete com sua escada e seu balde, limpando os vidros de cafés e lojas que, às vezes, ficavam bem longe de onde ele morava. Um dia, quando eu andava pelo centro de Paris e ele passava por ali, ele me viu e parou na beira da calçada, feliz com esse encontro fortuito. Eu estava envergonhado, apavorado com a ideia de ser visto com ele, empoleirado em sua estranha carruagem. O que eu teria respondido se alguém me perguntasse: “Quem era aquele homem com quem você estava conversando? [...] Sentia-me dividido. Mal em minha própria pele. Minhas convicções estavam em desacordo com minha integração ao mundo burguês. A crítica social que eu defendia estava em conflito com os valores que se impunham a mim - não posso nem dizer ‘apesar de mim mesmo’, já que nada me forçava a isso, a não ser minha submissão voluntária às percepções e julgamentos dos dominantes (p. 72).

Nesse exemplo, a *hiperbiografização* é caracterizada pela relação conflituosa do autor com as chamadas classes superiores ditas “cultas”, “em relação às outras – as classes ‘inferiores’, ‘sem cultura’” (*Ibid.*, p. 107). Ela assume a forma de uma *Vergonha social* (*Ibid.*, p. 54) e/ou *hontologia*⁴ social (Eribon, 2011, p. 43), que como uma força centrífuga, empurra o autor a “tentar se assemelhar a eles, a agir como se tivesse nascido como eles, mostrar a mesma descontração que eles, [particularmente] na situação estética” (Eribon, 2009, p. 108).

Neste ponto, cabe perguntar se o autor ou qualquer indivíduo poderia exercer um poder de ação sobre sua IB e sobre esses fenômenos de *hiperbiografização*, principalmente

por meio do surgimento de fenômenos que qualificamos como *hipobiografização*. Como no caso da IL, esses fenômenos poderiam ser representativos do poder de ação e das formas de resistência que um indivíduo pode ou potencialmente poderia exercer sobre sua própria IB. Eles se manifestariam por meio de um processo de conscientização, corolário de uma atitude de assumir riscos, revelando um sujeito tanto parresíasta quanto representante da passagem de uma IB dita para um IB plenamente colocada em ação. Diante desse quadro, seria preciso, portanto, levar em conta uma insegurança linguística e/ou biográfica do sujeito. Para tanto, destacaremos uma narrativa que constitui um acontecimento para a pessoa (mas que, erroneamente, poderia ser considerada um não-acontecimento⁵) e da qual poderiam surgir fenômenos de *hipobiografização*. Levar esses fenômenos em consideração nos levaria, como no caso da IL, a *reabrir os possíveis*, no sentido desenvolvido por Jullien (2023), ou seja, *(des)coincidindo* e, portanto, “abrindo uma brecha de dentro de [uma] situação que se tornou inerte, [para que] o efetivo possa de novo emergir” (pp. 20-21).

Da insegurança linguística à insegurança biográfica: uma ilustração dos fenômenos de hipobiografização

Yaël é professora de francês na universidade há cerca de trinta anos. A entrevista de pesquisa biográfica, extraída de nossa tese de doutorado, que realizamos em 29 de março de 2021, sucedeu várias trocas informais nas quais a questão da IL havia sido levantada, mais ou menos indiretamente. Embora a biografia de Yaël destaque os elementos marcantes de

4 N. de T. O neologismo *hontologie* (que deriva do francês “*honte*”, “*vergonha*”, e poderia ser traduzido literalmente por “*vergonhologia*”) foi concebido por Didier Eribon para designar a análise da vergonha como afeto atuante nas vidas individuais e coletivas.

5 Cf. Moussion, F. (2020). Le non-événement : vers la prise en compte d'un nouveau paradigme ? *Questions Vives*, No. 34, 48-65 [online] <https://journals.openedition.org/questionsvives/4963>

seu percurso, revelando seu desejo de emancipação, sua IL e/ou sua IB não são imediatamente evidentes. Elas se situam numa busca progressiva por legitimidade, revelada menos por meio da(s) linguagem(ns), no sentido de Merleau-Ponty, ou seja, “os sistemas constituídos de vocabulário e sintaxe, os ‘meios de expressão’ que existem empiricamente” (Merleau-Ponty, 1945, p. 229), do que por meio da *palavra falada*, que “desfruta das significações disponíveis como se fossem uma fortuna adquirida”, e assim se coloca no modo de abertura ao outro e, portanto, de explicitação do vivido, como “uma onda [que] se recolhe e retoma para se projetar além de si mesma” (*Ibid*, p.230).

A IL e/ou IB de Yaël, portanto, assumem a forma de um desejo progressivo de adquirir legitimidade, a fim de se libertar do ambiente em que cresceu, na infância e adolescência. Refugiando-se na leitura e nos livros, símbolo de seu desejo de emancipação, sua IL, associada ao fenômeno da hipocorreção, continua muito presente. Yaël usa seu domínio do francês para “fazer mais”, a fim de enfrentar seus pais, especialmente sua mãe. Sua IL se reflete no uso de um vocabulário que ela descreve como “superior ao de sua mãe”. Em última análise, a IL de Yaël assume a forma de uma “busca malsucedida de legitimidade” (Francard et alii, 1993, op. cit.), manifestada particularmente pela “sujeição” da locutora a um modelo, nesse caso, o de sua mãe, para quem a leitura seria uma “perda de tempo”. Por outro lado, a IB de Yaël se materializa na forma de um choque biográfico, que ela sofre ao se mudar para outra região e que provoca uma transformação silenciosa. Yaël passa a viver em um ambiente em que a leitura e os livros são valorizados. Essa liberdade lhe permitirá agir com *parresia* e, portanto, assumindo riscos, quando tentar, pela primeira vez, explicar à mãe a importância que atribui à leitura. O

processo de conscientização que ocorreu, bem como os fenômenos de hipobiografização em ação, no entanto, permanecem tingidos pela presença de uma consciência de conflito subjacente, devido à ausência de um pacto *parresiástico*⁶.

Quando adulta, Yaël é levada a viver em diferentes países. Mais uma vez, sua IL toma forma como uma progressiva busca por legitimidade, dessa vez levando a fenômenos de hipocorreção. Tendo morado em Marselha por muitos anos, essa identidade, que ela descreve como híbrida, permite que ela mostre abertamente seu pertencimento à cidade, tanto cultural quanto geograficamente. Assim, os fenômenos de hipocorreção se manifestam quando Yaël demonstra *parresia* e, portanto, age assumindo riscos. Isso ocorre quando Yaël francofoniza os outros, o que corresponde (como ela nos explicou após a entrevista) a uma quase obrigação de falar francês com seus interlocutores, e não recorrer sistematicamente ao inglês, que ela se recusa a falar, principalmente quando está no exterior. Dessa forma, Yaël faz com que os outros entrem em contato com seu idioma, firmando assim um *pacto parresiástico*, apesar de seu sotaque de Marselha.

No entanto, quando Yaël se muda para Paris, ela começa a “fingir”, porque para ela “ocorre uma perda de liberdade” e ela “gradualmente percebe [que não pode] mudar as coisas, que existe uma espécie de manta de chumbo”. Sua IB chega então ao ápice, como ilustra o trecho a seguir:

Não, não, em Paris eu não consigo, não consigo me instalar em Paris [...] Sou rejeitada por essa

6 Definido por Foucault, o pacto *parresiástico* inclui, por um lado, o fato de o sujeito “se vincular [ao mesmo tempo] ao conteúdo do enunciado e ao próprio ato do enunciado” (Foucault, 2008, p. 62) e, por outro lado, um elemento primordial, que é o fato de que “aquele a quem essa *parresia* é dirigida terá de mostrar sua grandeza de alma aceitando que lhe digam a verdade” (Foucault, 2009, p. 14).

cidade, por diversas razões [...] Nunca realmente me instalei em Paris [...] É... É a primeira vez que verbalizo isso... Estou tentando me instalar em Paris [...] Vou fazer isso no subúrbio.

A imagem de Paris, sua cultura, o que ela representa, é estrangeira para Yaël. A imagem dessa cidade é instável, fugaz. Yaël se sente insegura, não apenas linguisticamente, mas também, e acima de tudo, biograficamente. Ela busca uma legitimidade que não consegue alcançar. Em várias ocasiões, ela tenta ser aceita em Paris morando lá por um tempo, mas seu desejo de “fazer mais”, essa *hiperbiografização*, não funciona; então ela decide “contornar Paris”, mudando-se para o subúrbio. Desde o início, essa decisão é frustrada pela recusa categórica de seus amigos parisienses, a maioria estudantes universitários, em vê-la se estabelecer fora da capital. O trecho da entrevista transcrito a seguir destaca a discrepância entre a maneira como Yaël se biografa e uma biografia socialmente legitimada, por ser a do mundo acadêmico ao qual ela agora pertence, após a obtenção de um cargo no ensino superior:

Y : Sempre vivi Paris como uma cidade que me excluía... Para começar, do ponto de vista econômico, não consegui me estabelecer ou encontrar um lugar para morar... e então minha resposta [...] já que Paris me exclui, eu excluo Paris. Para mim, eu vou para Paris [...] Sou uma das raras pessoas que dizem hoje em dia [...] vou para Paris... mesmo que hoje eu vá para lá com mais facilidade [...] Estou superando certos complexos.

F: Você diria que essa distância em relação a Paris é exclusivamente econômica?

Y: Não, Paris não é minha cultura, e [...] Já me jogaram uma realidade na cara... por eu não querer vê-la [...] Lembro-me de uma vez em que uma pessoa com quem morei por pouco tempo em Paris e a quem eu disse que iria me mudar para o subúrbio respondeu: “Não faça isso, ninguém vai te visitar”. Achei isso extremamente violento [...] Essa moça, formada na *École Normale Supérieure* [e na universidade],

mas com pais estrangeiros, um puro produto do sistema francês, francisada pela escola, mas com muitas feridas, por outro lado [...] De vez em quando, ela deixava sua filha comigo para eu cuidar... e deixou claro que, se eu me mudasse, sua filha jamais colocaria os pés no subúrbio... Um dia, convidei alguns amigos para meu novo apartamento no subúrbio, alguns colegas de Paris [da universidade] [...] Uma amiga saiu um pouco mais cedo e voltou dez minutos depois, dizendo que sua bolsa havia sido roubada [...] Aos poucos, vou deixar de ver meus colegas parisienses [...] está acabando [...] não sei bem porquê [...] mas no final, talvez tenha sido [...] nos damos conta [...] que não fomos feitos para nos darmos bem [...] Então, no final das contas, vou organizar minha vida entre o subúrbio e minhas viagens [...] contornando Paris.

Dessa forma, Yaël assume o risco de se afirmar, sendo essa parresia e essa atitude de assumir riscos características dos fenômenos de *hipobiografização*. Ao agir como se a imagem do subúrbio correspondesse à de um lugar, de uma cidade, de um ambiente de vida em que pode se construir gradualmente, ela se torna perfeitamente legítima *onde está*. Isso é particularmente evidente quando ela incorpora, em seu *idioleto*⁷, palavras e expressões de *verlan*⁸, como mostra o trecho a seguir:

Em meu trabalho, vou aprender algumas palavras em *verlan*... *meuf, québlo* [...] Vou incorporar palavras do *verlan* em meu próprio vocabulário, me aproximando dos alunos. Talvez eu esteja tentando refazer o molho holandês, misturando palavras, culturas, influências [...] [Para mim,] é uma forma de resistir... abrindo portas diferentes [...] Você sempre pode usar sua própria experiência para... explicar, convencer [...] Precisamos ter a esperança de que um dia a sociedade francesa será um pouco menos rígida.

7 O *idioleto* corresponde ao uso particular que um indivíduo faz de um único idioma (Cuq, 2003, p. 124). Em outras palavras, ele pode ser definido como o conjunto de usos linguísticos específicos de um determinado indivíduo.

8 N. de T. O *verlan* é uma forma de gíria ou dialeto que se caracteriza pela inversão dos sons das sílabas das palavras.

Referências

- BOURDIEU, P. **Ce que parler veut dire**. Paris : Fayard, 1982.
- BOURDIEU, P. Vous avez dit «populaire» ? **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 46, p. 98-105, 1983.
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Vol. 62-63, p. 69-72, 1986.
- BRETEGNIER, A., LEDEGEN, G. (dir.). **Sécurité/Insécurité linguistique** : terrains et approches diversifiés, propositions théoriques et méthodologiques, Actes de la 5e Table ronde du Moufia (22-24 avril 1988). Paris : L'Harmattan, 2002.
- CALVET, L.-J. **Pour une écologie des langues du monde**. Paris : Plon, 1999.
- CUQ, J.-P. **Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde**. Paris : CLE international, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biographie, socialisation, formation. Comment les individus deviennent-ils des individus ? **L'Orientation scolaire et professionnelle**, 33, p. 551-570, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, C. Biographie/Biographique/Biographisation. In C. Delory-Momberger (dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. p. 44-51. Editions Érès, 2019.
- ERIBON, D. **Retour à Reims**. Paris: Flammarion, 2009.
- ERIBON, D. **Retours sur Retour à Reims**. Paris: Éditions Cartouche, 2011.
- FOUCAULT, M. **Fearless speech**. Los Angeles: Joseph Pearson, 2001a.
- FOUCAULT, M. **Herméneutique du sujet**. Cours au Collège de France 1981-1982. Paris: Gallimard, 2001b.
- FOUCAULT, M. **Le gouvernement de soi et des autres**. Cours au Collège de France 1982-1983. Paris: Gallimard, 2008.
- FOUCAULT, M. **Le courage de la vérité**. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France 1984. Paris : Gallimard, 2009.
- FOUCAULT, M. **Discours et vérité précédé de La Par-rêsia**. Paris : Vrin, 2016.
- FRANCARD, M. (en collaboration avec Lambert, J., et Masuy F.). L'insécurité linguistique en Communauté Française de Belgique. **Français et Société**, v.6, Bruxelles, 1993.
- FRANCARD, M. Hypercorrection. In M.-L Moreau (dir.). **Sociolinguistique**, Les concepts de base. Liège : Mardaga, 1997.
- FREIRE, P. **Pédagogie des opprimés**. Petite collection Maspero, 1974.
- JAUQUET, C. **Les transclasses ou la non-reproduction**. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.
- JAUQUET, C. **La fabrique des transclasses**. Paris: Presses Universitaires de France, 2018.
- JAUQUET, C. ; DURAND, J.-M. **Juste en passant**. Paris: Presses Universitaires de France, 2021.
- JULLIEN, F. **Rouvrir les possibles**. Dé-coïncidence, un art d'opérer. Paris: Les Éditions de l'Observatoire, 2023.
- LABOV, W. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976.
- LABOV, W. **La langue des paumés**. Actes de la recherche en sciences sociales. v.17-18, p. 113-129, 1977.
- MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.
- MOREAU, M.-L. **Sociolinguistique**. Concepts de base. Liège: Mardaga, 1997.
- MOUSSION, F. Le non-événement : vers la prise en compte d'un nouveau paradigme ? **Questions Vives**, n.34, p. 48-65, 2020.
- MOUSSION, F. **L'insécurité linguistique** : du processus de biographisation à l'émergence du transclasse. Tese (Doutorado em Educação). Université Sorbonne Paris Nord - Paris 13. Paris: 2022.

Recebido em: 05/01/2024
Revisado em: 30/05/2024
Aprovado em: 06/06/2024
Publicado em: 22/06/2024